

Estado da publicação: O preprint não foi submetido para publicação

A UNIVERSIDADE E A ARTE TRANS-FORMAM (PARA) A(S) VIDA(S)

Marcos Antônio Bessa-Oliveira

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.6312>

Submetido em: 2023-06-24

Postado em: 2023-07-05 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A UNIVERSIDADE E A ARTE TRANS-FORMAM (PARA) A(S) VIDA(S)^{1*}

MARCOS ANTÔNIO BESSA-OLIVEIRA¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4783-7903>

[<marcosbessa@uems.br>](mailto:marcosbessa@uems.br)

¹ UEMS/NAV(r)E. Campo Grande, Mato Grosso do Sul (MS), Brasil.

RESUMO: De uns tempos para cá, mas não somente, a Universidade se tornou instituição malvista em lugares em que a sociedade prima por questões não voltadas a uma formação crítico-social como primeira prerrogativa. Em certas situações dessas, até mesmo a Ciência mais essencial à humanidade está sendo destituída de importância. Em relação à arte a questão não se diferencia muito porque ao limitar uma liberdade social crítica, a arte acaba por ser obstruída na sua intenção transformadora primeira. Ao certo, nas culturas ocidentais em que os propósitos em relação à Universidade, a ciência e a arte são restritos à político-partidários, ambas têm perdido interesse da sociedade jovem, mais especialmente, mas de modo mais amplo até para adultos também quando se fala em sobrevivência no contexto atual dessas sociedades: prima-se mais pelo trabalho e riquezas (inovações, internacionalização, tecnologias) ao invés de trans-formação sócio-crítico-cultural para revivermos a convivência com os pares. Deste princípio, buscando fazer um resgate dos primórdios básicos da criação/intenção da Universidade, até mesmo da lógica científica, e da arte como relevantes “instâncias” aos processos de trans-formação (para) da(s) vida(s), este trabalho discutirá a crescente derrocada da Universidade e da arte no contexto político-sociocultural atual a fim de comprovar a necessidade de continuarmos acreditando em ambas, mas, ao mesmo tempo, defendendo a necessidade de mudanças nessas como as percebemos/entendemos hoje no século XXI.

Palavras-chave: Arte, Universidade, Trans-formação sociopolítico-cultural, Produção de saberes.

UNIVERSITY AND ART TRANS-FORM (TO) LIFE(S)

ABSTRACT: Where society is not focused on issues related to a critical-social education as its first prerogative. In certain of these situations, even the most essential science to humanity is being deprived of its importance. In relation to art the question is not very different because by limiting a critical social freedom, art ends up being obstructed in its first transforming intention. Indeed, in Western cultures where the purposes in relation to the University, science and art are restricted to party-politics, both have lost the interest of young society, more especially, but more broadly even for adults too, when it comes to survival in the current context of these societies: work and riches (innovations, internationalization, technologies) are more important than socio-critical-cultural trans-training to revive the coexistence with peers. From this principle, trying to rescue the basic beginnings of the creation/intention of the University, even of the scientific logic, and of art as relevant “instances” to the processes of trans-

¹ Este texto está vinculado a um Projeto de Pesquisa intitulado “PRÁTICAS CULTURAIS LATINO-FRONTIERIÇAS: ARTES DE “PAISAGENS”, SILÊNCIOS E APAGAMENTOS EM CENA NA CULTURA SUL-MATO-GROSSENSE”, cadastrado na Divisão de Pesquisa/PROPI/UEMS, sob o protocolo 277652.1602.1343.05012022, e é vinculado ao Grupo de Pesquisa NAV(r)E – Núcleo de Artes Visuais em (re)Verificações Epistemológicas – UEMS/CNPq.

* Uma primeira versão deste trabalho intitulado “A UNIVERSIDADE TRANS-FORMA (PARA) A VIDA” foi apresentada como Palestra à SubJUVENTUDE – Subsecretaria de Políticas Públicas para Juventude do Estado de Mato Grosso do Sul, subordinada à Secretaria de Estado de Cidadania e Cultura (SECIC) – durante o “I Encontro de Jovens Aprendiz(es)” realizado no dia 21/09/2022, das 08:30 as 12:00 horas na Sede do SEBRAE/MS com o fim de despertar nos/as/nes jovens-aprendizes o re-interesse na Universidade contemporânea.

formation (to) of life(s), this paper will discuss the growing decline of the University and of art in the current political-sociocultural context in order to prove the need to continue believing in both, but, at the same time, defending the need for changes in these as we perceive/understand them today in the 21st century.

Keywords: Art, University, Socio-political-cultural trans-formation, Production of knowledge.

LA UNVIERSIDAD Y EL ARTE TRANS-FORMAN PARA LA(S) VIDA(S)²

RESUMEN: Desde hace algún tiempo, pero no sólo ahora, la Universidad se ha convertido en una institución mal vista en lugares donde la sociedad no se centra en cuestiones relacionadas con una formación crítico-social como su primera prerrogativa. En algunas de estas situaciones, incluso se está privando de importancia a la ciencia más esencial para la humanidad. En relación con el arte la cuestión no es muy diferente porque al limitar una libertad crítico-social, el arte acaba siendo obstaculizado en su primera intención transformadora. De hecho, en las culturas occidentales donde los propósitos en relación a la Universidad, la ciencia y el arte están restringidos a la política partidista, ambos han perdido el interés de la sociedad joven, más especialmente, pero de manera más amplia también para los adultos cuando se trata de sobrevivir en el contexto actual de estas sociedades: el trabajo y la riqueza (innovaciones, internacionalización, tecnologías) son más importantes que la trans-formación socio-crítica-cultural para revivir la convivencia con los semejantes. Desde este principio, intentando rescatar los inicios básicos de la creación/intención de la Universidad, incluso de la lógica científica, y del arte como “instancias” relevantes a los procesos de trans-formación (para) la(s) vida(s), este trabajo discutirá el creciente declive de la Universidad y del arte en el actual contexto político-sociocultural para demostrar la necesidad de seguir creyendo en ambos, pero, al mismo tiempo, defendiendo la necesidad de cambios en los mismos tal y como los percibimos/entendemos hoy en el siglo XXI.

Palabras clave: Arte, Universidad, Trans-formación socio-político-cultural, Producción de conocimiento.

INTRODUÇÃO – ESTADOS DA ARTE E DA UNIVERSIDADE

“Nas universidades? **As universidades são instâncias da sociedade**” (HISSA, 2008, p. 21, grifos meus).³

“Colocar em interrogação a enunciação (**quando, por quê, onde, para quê**) nos dota do **conhecimento necessário para criar e transformar**, e que parece necessário para imaginar e construir futuros globais;” (MIGNOLO, 2017, p. 13, grifos meus).⁴

A minha perspectiva de pensar o mundo tem tentado estar totalmente assentada na episteme do Pensamento Descolonial. Nesse sentido, talvez eu tivesse muito mais coisas para falar sobre a Universidade e da arte, da Juventude e do Trabalho, e da importância desses para a situação atual da

² Para a tradução do título “A UNIVERSIDADE E A ARTE TRANS-FORMAM (PARA) A(S) VIDA(S)” foram consideradas variações deste para tentar contemplar o mesmo sentido aqui proposto na língua portuguesa brasileira. Assim, considerei as redações diferentes do título original em língua portuguesa brasileira assim: “A UNIVERSIDADE E A ARTE TRANS-FORMAM PARA A VIDA” e “A UNVIERSIDADE E A ARTE TRANS-FORMAM PARA AS VIDAS”. Enfim, considerando a versão traduzida aqui presente “**LA UNVIERSIDAD Y EL ARTE TRANS-FORMAN PARA LA(S) VIDA(S)**” considerei a última redação da língua portuguesa brasileira para alcançar o mesmo propósito nas versões em línguas diferentes.

³ **Cássio Eduardo Viana Hissa** é brasileiro, Geógrafo e Professor da UFMG.

⁴ **Walter Mignolo** é argentino e Professor de Literatura na Duke University (Estados Unidos).

sociedade brasileira do que vou propor conversar/expor aqui com/para vocês. Entretanto, tentando não privilegiar primeiro e exclusivamente esse lugar do pensamento descolonial agora como lugar de fala, igualmente não privilegiando meu lugar de formação – as Artes –, vou me preocupar em propor uma reflexão que verse sobre a amplitude da Universidade, da arte, das Juventudes e até do Trabalho, enquanto importantes instituição/fazer/sujeito/condição para realizarmos construções sociais e críticas dos sujeitos em um todo, haja vista a abrangência da Universidade, da arte, da Juventude e do Trabalho para além das próprias Artes e até de um pensar descolonial.⁵

Neste sentido, é importante dizer da necessária reflexão acerca dessas questões diante de fatos em evidência nos últimos tempos: desinstitucionalização da Universidade brasileira como instituição formadora, mais ainda trans-formadora; tentativas escancaradas de cerceamentos da circulação de fazeres artísticos por simples opção de assemelhados políticos em detrimento aos diferentes sujeitos/modos sociais; desvalorização exacerbada da juventude como corpo social crítico e político para os futuros; e o trabalho (no conceito e na prática) reforçado como única alternativa de vida em prol da defesa deste como necessária condição de sobrevivência ao contrário da premissa de convivência em pares por meio de ações que sejam trans-formadoras do caráter ético, social, político e democrático dos sujeitos sociais contemporâneos.

Do mesmo modo, não é possível deixarmos de recorrer ao argumento necessário para erigir esta discussão, o fato de que até mesmo a Ciência mais necessária e extremamente fundamental à saúde e vida humanas – a médico-fármaco laboratorial, por exemplo – tem sofrido ataques destituídos da sua existência e importância por quem tem feito orações para a despredileção da sociedade desta às saúdes e vidas, especialmente, das próprias comunidades públicas. É claro que, mesmo sendo inegável para alguns, estou me baseando na lógica necrótico-política no caso do Brasil dos anos de 2018 à 2022 (especialmente no âmbito do Governo Federal, mas, infelizmente não somente naquele), mas também baseio-me em outros países globais que passaram e ainda passam e certamente passarão, não excluo nem mesmo o Brasil, por situações que se assemelham àquela em que as políticas que (engendradas por maus políticos e defendidas até por um péssimo nicho da sociedades) foram os principais agentes de descreditação das instituições que se vinculavam, ou ao menos deveriam vincular-se, às construções de conhecimentos sociopolítico, crítico-sociais e científicos para a trans-formação social. Seja para/em/por meio de jovens ou adultos.

Não parecendo muito diferente daquele contexto, a Universidade sempre parece passar por provações que re-forçam a distorção da sua atuação de trans-formadora para exclusivamente ser uma instituição de formação. Desde quase sempre, a Universidade tem questionado seu lugar de atuação “social” por perspectiva que a entende e pelas que as querem atuante de acordo com suas específicas opção e obrigação, respectivamente. Da primeira, um nicho social (acadêmico, artístico, científico e crítico-social e político social), quer a Universidade como espaço para a trans-formação social como vou tentar defendê-la aqui. A outra parcela, cada vez mais enormemente em ascensão nos últimos anos, como dito, não somente no Brasil, em vários lugares do planeta, têm obrigado que a Universidade, ora mais, ora menos, se vincule a questões ideológico-políticas de acordo com interesses específicos, os quais pretendo evidenciar a partir de um olhar crítico. Mas é bom que se diga, ambos, prós e contras o serão discutidos, ao passo da crescente da discussão, a partir de um pensamento descolonizado sobre Universidade, Sociedade, Política, arte, cultura e produção de conhecimentos.

Ainda sobre esses dois olhares que definem a Universidade, que também incutem olhares sobre a Sociedade, especialmente, juvenil, mas não somente, do mesmo jeito em todos os lugares, é preciso estabelecer quais princípios primeiros acercarão minhas reflexões neste momento: acerca do primeiro, a Universidade como espaço de trans-formação, quero desprivilegiar a ótica da visão secundária da Universidade, Sociedade, da juventude, mas também sobre arte, cultura e normas de produção de conhecimentos: quer seja em nível local, seja em nacional, quer sejam em diferentes contextos globais, aspectos que vinculam a Universidade a exclusividade de formar para o trabalho, por exemplo; em que a Sociedade é re-tratada como incapaz de produzir arte, cultura e conhecimentos específicos; que a

⁵ Sobre este ponto, Arte e Trabalho, sugiro o texto (BESSA-OLIVEIRA, 2023, ainda no prelo).

juventude é restritamente transviada – no pior sentido do termo –; e que, ambos, por isso, são todos esvaziados de capacidades e finalidades sociais, científicas, críticas e políticas.

Diante disso, duas perguntas introdutórias e uma afirmativa às questões vão ilustrar esta breve conversa/reflexão que terei com vocês sobre a importância de entendermos a *Universidade como um lugar que trans-forma (para) a vida*. Primeiro vou referendar-me a uma perspectiva no singular, mas minha intenção tem fundo social coletivo para todas as argumentações. Evidentemente, observo uma trans-formação das pessoas que com ela, a Universidade, optam por relacionarem-se sem os significados a ela, para a Universidade, hoje atribuídos. Neste sentido, poderia dizer que nem somente a Juventude seria esse público, menos ainda as pessoas que buscam exclusivamente alcançar apenas o mercado de trabalho. Por isso, é preciso que reconheçamos a Universidade como um espaço maior, mais amplo e que pode abranger, trans-formando, sujeitos em diferentes faixas etárias e igualmente para múltiplas finalidades. E uma coisa não anula a outra, é bom que se diga. Como apresentado antes em uma das epígrafes, a *Universidade é uma instância da sociedade*.

Do mesmo jeito, considerando esta ser agora uma situação de Formação de Professores de Arte ou de outras áreas de conhecimentos, vou propor discutir como a arte pode e deve ser compreendida como um fazer trans-formador de vidas em analogia às relações pessoais em sociedade.⁶ Igualmente, claro, a discussão não estará limitada à juventude. A arte compreende um global etário, senão como única coisa/fazer sociocultural, que se manifesta de diferentes formas, modos, jeitos, a partir de diferentes sensações, subjetividades, com variadíssimos fins, em busca de múltiplas e diferentes coisas que não se restringem a um tipo de público/sujeito. Mas, mais ainda, a arte dá-se em sentidos duplos, sejam nestes lugares que acabo de sinalizar, mas, muito mais deve estar, estará sempre presente na relação com sentido duplo em salas de aulas e/ou em quaisquer outros espaços de (trans)formação: posso adiantar que, neste caso, em relação à arte, mais que qualquer coisa, o processo deve ser o de ensinar-aprendendo e/ou aprender-ensinando; logo, trans-formações múltiplas, no mínimo docente \Leftrightarrow discente e discentes \Leftrightarrow docentes, assim como discentes \Leftrightarrow discentes e docentes \Leftrightarrow docentes.

Mas, para tudo isto fazer mais sentido, e não somente para mim, retomando meus pontos introdutórios (perguntas e afirmativa) para alcançar o tema para esta reflexão, volto a me reconcentrar: a primeira pergunta é: “Quem quer ser um milionário?” Imediatamente a pergunta nos remete ao filme homônimo em que um jovem indiano de 18 anos, muito pobre, participa de um jogo de perguntas e respostas na televisão indiana (um típico e agora muito reconhecido por nós *reality show*) cujo título é também exatamente o mesmo da pergunta, “Quem quer ser um milionário?” (2009), para tentar ficar rico de maneira relativamente “fácil”.⁷ De certa forma, para minhas intenções, o a parte de que o filme gira em torno do “jovem querer ficar rico relativamente fácil” é mais interessante para mim agora do que a

⁶ Como apresentado na primeira nota, a primeira versão deste texto foi exposta para um público juvenil – com faixa etária entre 15 e 18 anos, profissionais-mirins do Programa Jovens Aprendizes da Prefeitura Municipal de Campo Grande, MS que deveriam ser despertados para as importâncias do trabalho e dos estudos, de acordo com as perspectivas dos palestrantes naquele momento. Mas, esta versão agora em leitura foi pensada e alterada, em um segundo momento (ocorrido em março de 2023) logo após aquela primeira (setembro de 2022), para o público de alunos/alunas/alunes das graduações em Artes Cênicas, Dança e Teatro – licenciaturas – na disciplina de Arte Educação, na UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Brasil, em que ministro aulas, e para esta versão final (feita já em junho de 2023) considerando a possível leitura de um público mais amplo: profissionais mirins, estudantes de graduação, especialmente, mas não somente licenciados, mas também pós-graduandos/as/es e já especialistas (mestres, doutores e outros/as/es) formados/as/es que possam se interessar pelas discussões.

⁷ “Jamal Malik é um rapaz de 18 anos que teve uma infância muito difícil, lidando com a violência e a miséria na Índia. Ele é chamado para participar da versão indiana do famoso programa de TV “Quem quer ser um milionário?” e sua experiência de vida o ajuda a responder as perguntas do show. Porém a polícia desconfia da honestidade de Jamal, que deve provar sua inocência. Data de lançamento: 20 de fevereiro de 2009 (Brasil). Diretor: Danny Boyle. Adaptação de: Sua resposta vale um bilhão. Produção: Christian Colson. Prêmios: Oscar de Melhor Filme, MAIS”. Disponível em: <https://www.google.com/search?newwindow=1&hl=pt-BR&xsrf=ALiCzsZvbk7H5azoVH6zuZHRdAEhwVNRYA:1662660021869&q=quem+quer+ser+um+milion%C3%A1rio%3F+pr%C3%AAmios&stick=H4sIAAAAAAAAAAOPgE-LSz9U3MM7ILbFM0pLNTrbSTyxPLEqBkPHImXl5qUVWYE7xJla1wLUXAUgUaRQDMSluQq5mTmZ-XmHFxZl5tsrFBQdXpWbmV8MAK6Vq5NWAAAA&sa=X&ved=2ahUKewjC-fCf44X6AhX8HLkGHdsrDWMQ44YBKAJ6BAheEAQ&biw=1517&bih=694&dpr=0.9>. Acesso em: 08 Set 2022.

primeira que é o título do filme. Porque me parece que estamos sempre querendo ser milionários de algum jeito!⁸

Com as questões colocadas a respeito e a partir do filme, não quer dizer do filme, não vou tratar do filme em si, menos ainda vou tratar de *reality shows*, mas quero me valer da pergunta para demonstrar o quão a Universidade é muito mais importante para além de um enriquecimento – fácil ou dificultoso – para trans-formar nossas vidas. Ou seja, diferente da ideia de ficar rico, da noite para o dia, a Universidade não tem a pretensão de fazer alguém enriquecer, mesmo sendo isso também possível, transformando, como num jogo de perguntas e respostas, alguém de anônimo à *pop star* qualquer pessoa, ou vice-versa, sem que essa transformação reflita na sociedade de alguma forma concreta. Tais mudanças promovidas pela Universidade ao indivíduo (que devem/pode ser rico ou pobre, preto ou branco, em quaisquer que sejam as diferentes diferenças) precisam interferir/refletir na sociedade, de alguma forma; eis aí uma grande diferença. Volto a isso daqui a pouco.

Bom, a segunda pergunta é orientadora à minha maior intensão: quem quer ser humanitário? Esta, primeiro, cabe-nos uma coisa, diferente da pergunta anterior, na busca do *Google.com*, a fim de encontrar alguma ocorrência que se relacionasse facilmente ao meu pensamento a respeito como deu-se na primeira a respeito até de um filme, não retorna no *site* de busca nenhuma alternativa de resposta à minha investigação ingênua, diferente do ‘quem quer ser um milionário’ que retornou, por exemplo, informações em números de milhares sobre o filme. *Simplesmente* aquele *site* “diz”: “Sua pesquisa não encontrou nenhum documento correspondente” (GOOGLE, 2022, acesso em: 08 set. 2022). Nem ao menos a resposta mais plausível, ainda que ingênua, que esperava encontrar, em que para mim se relaciona, a pergunta quem quer ser humanitário(?), muito diretamente à questão, o “ser humanitário”, estar diretamente ligado ao socorro médico humano, por exemplo, à instituição Cruz Vermelha, entre outras iguais. Mas sigamos!

Já a afirmativa da qual falei como uma das minhas propensões que coloco como terceira coisa a situar esta nossa conversa é: sendo milionário ou não, sendo humanitário ou não, o fato é que ninguém quer ser otário. Mas não sendo esta afirmativa uma mera crítica às situações de quem quer ser um “simples” milionário e não ligar para o resto do mundo; do mesmo jeito em não sendo um elogio romântico para quem prefere ser humanitário. Peço que continuem com a leitura, caro/a/e leitor/a/e a fim de não deixar te parecer que minhas discussões são vazias. Neste caso, da afirmativa, muito me alegrou encontrar exatamente, em outra busca no mesmo *site* da Google, o que esperava encontrar e que, de certa forma, até foi uma grata e enorme surpresa, pela resposta da busca o ser tão perfeita para a nossa ocasião (ou para as nossas ocasiões considerando as versões redigidas/dirigidas deste trabalho), tal descrição apresentada por aquele *site*. Entre outras definições agora nem tão importantes, também via o *site Google.com*, temos, sobre o termo otário, os propósitos da minha afirmação quando apresenta que as “Definições de Oxford Languages” do que afirma ser “otário”, ser o – “adjetivo substantivo masculino INFORMAL•BRASILEIRISMO [que] **diz-se de ou indivíduo ingênuo, tolo, inexperiente.**” [e que tem como] **“Semelhantes ‘tolo’”** (GOOGLE, 2022, acesso em: 08 set. 2022, grifos meus).

Algumas relações, desses sentidos expressos nas perguntas ou na afirmativa, também podem ser feitas em relação à arte no contexto sociocultural atual. Lembrando, claro, que para ambos os contextos não estou desconsiderando relações políticas. Mas, por exemplo, quem não quer ter vendidos, para ficar rico (milionário), os seus trabalhos com a arte? Seja o trabalho de produção artística (plástico, cênico ou outro), sejam seus trabalhos docentes (salários) ou investigativos vendendo livros e textos sobre suas pesquisas de arte.⁹ Do mesmo modo, ninguém quer ser otário e produzir um trabalho relacionado à arte (prático, didático e/ou teórico) que não seja reconhecido como fazer artístico pertinente pelo e ao Sistema da arte. Por fim, sou obrigado a dizer que ainda não reconheço com clareza suficiente um

⁸ A vida, de algum modo, na atualidade parece querer nos empurrar, de algum modo e quase sempre, à lógica do querer ter que ter dinheiro para ser. Seja por meio do trabalho como o princípio para este fim, seja também por meio da ilusão de ganhar um prêmio lotérico. E ainda têm aqueles que preferem, de algum modo, a ilegalidade “lícita” ou ilícita para alcançarem esse desejo de ficar milionários ou minimamente ricos.

⁹ Mas, sobre esta questão da relação arte como trabalho, sugiro a leitura de um recente texto que produzi intitulado “ARTE E TRABALHO. ARTE COMO TRABALHO. TRABALHO DA ARTE.” a ser publicado na Revista da FUNDARTE, na edição da “Revista n° 55 em setembro de 2023”.

trabalho da arte que queira, humanitariamente, exclusivamente, retirar do limbo a sociedade hoje encravada na escuridão da arte como artifício para sobrevivência, *status* e/ou indissociada – como se possível fosse – das questões estabelecidas pelo Sistema que limita a atuação das artes.

A última afirmativa a respeito da arte e questões humanitárias, acercam-se das ideologias artísticas que circundam, na atualidade (ou mesmo historicamente sempre estiveram acercando o fazer artístico), as obras que, quase sempre, estão vinculadas às mesmas questões que se colocam, ou podem ser colocadas, à Universidade, por exemplo, quando questionadas da sua cientificidade e/ou da sua funcionalidade. Quer dizer: poucos veem na arte funcionalidade como “ciência” – ainda que esta, entendida, como entendemos ciência artística –; ao passo que muitos não veem funcionalidade alguma na arte como trabalho; do mesmo jeito, sujeitos da arte – sendo ou não parte de um Sistema da Arte Oficial – veem funcionalidades sensíveis na arte que, talvez, a própria Ciência que salva vidas proporcione em níveis e graus iguais com seus fármacos.

As obras, e se vê aí o paradoxo mal compreendido, são cada vez mais numerosas; os museus, as galerias crescem e se multiplicam, e a arte nunca esteve tão afastada do público (CAUQUELIN, 2005, p. 13).

Complementando, a autora afirma-nos que

Contudo, e é um ponto que é preciso frisar, o público não se engana quando tem essa visão global. Sua intuição está correta; **há de fato um ‘sistema’ da arte**, e é o conhecimento desse sistema que permite apreender o conteúdo das obras. [...]: o produtor, o comprador – colecionador ou aficionado – passando pelos críticos, publicitários, curadores, conservadores, as instituições, os museus, [...] [sistemas acadêmicos, Estado-nações e Corporações] (CAUQUELIN, 2005, p. 14-15, grifos meus).

Ou será, ainda, que somente eu vejo o Sistema como mais de-limitador do que é ou não permissivo aos diferentes fazeres em arte que emergem *a partir de* corpos das diferentes diferenças com seus respectivos modos de fazer-sendo arte? Penso que não:

É um sistema como esse, em seu estado contemporâneo, que tentaremos apresentar aqui. **‘Estado contemporâneo’** significa que esse **sistema não é mais o sistema que prevaleceu até recentemente**; ele é o **produto de uma alteração de estrutura** de tal ordem que não se podem mais julgar nem as obras nem a produção delas de acordo com o antigo sistema. É justamente neste ponto que **se instala o mal-estar**: avaliar a arte segundo **critérios em atividade há somente duas décadas é não compreender mais nada do que está acontecendo** (CAUQUELIN, 2005, p. 15, grifos meus).

Bem, mas brincadeiras (que na verdade são sérias) e comparações simplistas à parte. A ideia até aqui foi apenas introduzir esta reflexão como uma conversa necessária do porque venho propor falar/refletir para vocês como, de que forma e porque, na esteira das interrogações também colocadas na outras das epígrafes que encimam este texto, a Universidade precisa ser compreendida, especialmente por jovens trabalhadores; estudantes de arte que serão trabalhadores e professores de alguma forma já atuantes como trabalhadores, mas não restrito a vocês, porque todos os adultos também – particularmente governantes e empresários – precisam compreender e **DEFENDER** a Universidade *como um lugar que trans-forma (para) a vida*. A Universidade como instituição de trans-formação para a(s) vida(s) das pessoas, especialmente, que mais precisam porque são as que têm apenas o trabalho explorador como única opção de vida(s). A minha fala se coloca como uma reflexão que não vai igualmente se restringir à Universidade. Pois tudo que pretendo expor com/para vocês também pode ser absorvido como necessário para compreendermos a importância e situação e condições da Escola em nossas vidas que pode e devem desenvolver papel trans-formador.

Do mesmo jeito, portanto, a arte deve ser reescrita por vias de tornarmo-la para além de objeto ilustrativo de outras disciplinas (reconhecidas como sérias) nas escolas ou em outro qualquer lugar de saberes; que a arte é importante para o desenvolvimento humano para além de um artefato decorativo de casas de pessoas mais abastadas e/ou de paredes de instituições governamentais e/ou instituições

privadas que aconselham e que assemelham as sociedades por meio de coleções do que é ou não arte; e, ainda, precisamos fazer da arte um mecanismo que seja reconhecida como fazeres das diferenças ao invés de selecionarmos determinadas obras como modelos de como fazer não sendo um sujeito ético, democrático, político, crítico e humano. Assim, evidenciará que a arte é e deve ser trans-formadora agora não somente de quem sofre com o corpo exclusivizado para o trabalho. Mas também de corpos que controlam os corpos do trabalho, porque esses, certamente, não se veem sujeitos de-formados por um padrão sistêmico da Arte, Cultura e Ciência das lógicas mais tradicionais impostas.

QUESTÕES DE ORDENS: *DESUMANIZAR, DESMUNDIALIZAR*

“Os pobres sempre foram socialmente impotentes. A crescente confiança nos cuidados institucionais adiciona nova dimensão à sua impotência: impotência psicológica, incapacidade de defender-se. [...]. A pobreza moderna combina a falta de poder sobre as circunstâncias com a perda de força pessoal. Esta modernização da pobreza é um fenômeno universal e está na raiz do subdesenvolvimento contemporâneo. Manifesta-se, obviamente, de formas diferentes nos países ricos e pobres.” (ILLICH, 1985, p. 18).

Sobre a arte, claramente poderia dizer, cada arte é contemporânea ao seu tempo. Passado, presente e será no futuro, cada produção corresponde primeiro ao seu contexto sociocultural – de lugar e tempo – vinculando-se às características que resultam em relações interpessoais, sociais e evidências pessoais acerca da produção artístico-cultural em seus respectivos tempo e lugar. Sobre essas ou aquelas em tempos e lugares diferentes, cada opção que se fizer hoje – teórico-crítica e até ideológica – far-se-á uma evidência desta ou daquelas artes para o presente e igualmente para o futuro.¹⁰ Já sobre a Educação, ou melhor, sobre a Universidade, é possível dizer que esta também o deveria refletir o seu tempo presente, assim como o foi no seu passado, pensando que precisa mudar o que é hoje para continuar existente no futuro. Explico: é certo que não queremos a Universidade de quando da sua instituição – histórica – em aplicação no presente; do mesmo modo, estou querendo compreender que a Universidade que temos hoje, me parece que não terá serventia no futuro se retomar as suas características do passado, do mesmo jeito não fará sentido se não atender às prerrogativas, agora quaisquer que sejam (não estou fazendo neste exato momento julgamento de valores), das demandas socioculturais.

Quero dizer que, pensando um pouco em tudo isso até aqui colocado, vou me perguntar: qual será o futuro da Universidade? Ainda que sem, num primeiro momento, tentar me atrever a responder, entrevejo questões que, sim, podem ser apresentadas e discutidas considerando cenários contemporâneos, histórias do passado, para pensarmos no futuro da Universidade como espaço que precisa continuar trans-formando, no melhor sentido de Ivan Illich (1985), as vidas, especialmente, dos pobres. Esta minha ideia de trans-formação, seja para jovens, mas também para crianças, adultos e também para cidadãos/ãs/es em situação de “melhor idade” (as Universidades da Melhor Idade, Universidades para a Terceira Idade, entre outras nomenclaturas, estão aí presentes), igualmente para pessoas de diferentes classes sociais, não restrita a pobres, é uma urgência social. Pois, entendendo uma sociedade trans-formada socioculturalmente – política, educacional, artística, ética, estética, democrática, filosófica, científica e criticamente falando, entre outros aspectos para tentarmos viver juntos – esta trans-formação precisa ser muito mais ampla que restrita a exclusividade de corpos que sofrem.

Os corpos que sofrem, dos pobres como aliado pelo autor da epígrafe, mas também os corpos todos exteriorizados de quaisquer das categorias dos sistemas padrões homogêneos e hierárquicos de ser corpo, já têm evidente em si a necessidade de transformação da Universidade para que esta proponha a idealizada aqui trans-formação. Neste caso, vimos que a Universidade histórica não conseguiu alterar mudanças significativas porque esteve restrita a corpos padrões; vemos que a Universidade

¹⁰ Sobre estas questões e outras acerca da temporalidade na arte, da minha perspectiva, se assim o interessar, sugiro a leitura de recentes trabalhos publicados em que discuto a temporalidade atual e seus entrecruzamentos e as perspectivas de futuro da arte nominada hoje de Arte Contemporânea que é produzida em nossa contemporaneidade.

moderna este ainda muito acercada às pressuposições de que o conhecimento era restrito a determinado sujeitos que queriam o acesso a um conhecimento cultural erudito e, por isso, melhor que os seus; e vejamos que a Universidade hoje (contemporânea aos nossos tempos), apesar das suas várias aberturas aos corpos das diferenças, por exemplo, jovens, tem se aberto para muitas questões até impensáveis para as Universidades históricas e mesmo modernas, mas igualmente esta atual Universidade tem, talvez mais que as outras, uma política ideológica tecnicista, *desumanizada* e *desmundializada* (WALSH, 2015), que precisa ser explorada criticamente agora para não reverberar na Universidade do futuro como sendo aquela esvaziada de trans-formação para simplesmente ser mecanismo institucional de formação. Quiçá não de de-formação em prol de um humanismo controlado!

O humanismo, como bem sabemos, tem sido um componente fundamental do poder imperial-colonial-capitalista e de sua racionalidade/projeto ocidental e ocidentalizante; as ações de “humanização” (leia-se: civilizar, domesticar e pacificar) os “bárbaros e selvagens”, “desenvolver” os “subdesenvolvidos” e instituir um modelo humano – de humanidade – que hierarquiza os seres e o conhecimento, são apenas parte do legado “humanístico” (tanto do humanismo quanto das humanidades) e de sua duplicidade que foi – e é – a desumanização-desumanidade. (WALSH, 2015, p. 107-108, tradução livre minha¹¹).

No mesmo sentido a arte tem que ser “controlada”, ou talvez seja descontrolada, para alcançar lugares outros acerca dos seus fazeres para, daí sim, trans-formar vidas como artistas, professores e pesquisadores ligadas/vinculados à arte almejam para a arte desde sempre. Nesta lógica, não é difícil reconhecer, por exemplo, que no grupo de artistas, professores e pesquisadores há uma clara divisão entre a arte que salva porque é humana, e, de lado oposto, há uma Arte que só salva para quem é humano. Confuso! Explico: na lógica aqui em argumentação, vários artistas professores e pesquisadores entendem haver uma arte, grafada assim mesmo com “a” minúsculo, talvez até um grupo bem menos expressivo em números que o outro, que compreende os fazeres situados em corpos e lugares – humanos e mundos – que não fazem parte do grande Sistema artístico e que, por isso, é uma arte trans-formadora que não de-forma humanidades em prol de uma sistematização de ser, sentir e saber.

Enquanto o outro grupo, certamente mais expressivo e ainda mais cobiçado por muitos artistas, professores e pesquisadores que não fazem parte deste, que ressalta, desde sempre, uma Arte, agora, claro, com “A” em maiúsculos, que deve ser humano para compreender e acessá-la. Uma Arte que está acercada de uma aura erudita que, quem não tem formação (de-formação) para humanidades – filosófica, pedagógica, artística, estética, entre outras disciplinas e erudições – não é por ela contemplado e menos ainda pode contemplá-la. Logo, é uma Arte que tem, próximas às prerrogativas hoje impostas à Universidade, visão inovadora, internacionalista e tecnológica traduzidas às suas práticas sistêmica-comerciais para o Mundo da Arte. Neste ponto, portanto, se há uma lógica de Universidade desumana e sem mundo, há, do mesmo jeito, uma Arte que é vazia de arte¹², por conseguinte *desumanizada* e *desmundializada* porque querem, cada uma na sua situação, Universidade e Arte, transcenderem a Instituição que de-forma e Arte que a quer como Científica¹³.

Esse ato de transcender parece cada vez mais importante em instituições acadêmicas que estão em processo de re ou neodisciplinarização, instituições que estão se afastando das realidades

¹¹ “El humanismo, como bien sabemos, ha sido componente fundamental del poder imperial-colonial-capitalista y su racionalidad/proyecto occidental y occidentalizante; las acciones de “humanizar” (leer: civilizar, domesticar y pacificar) a los “bárbaros y salvajes”, “desarrollar” a los “subdesarrollados”, e instituir un modelo humano -de humanidad- que jerarquiza seres y saberes, son solo parte del legado “humanístico” (de humanismo como también de humanidades) y su dupla que ha sido -y es- la deshumanización-deshumanidad.” (WALSH, 2015, p. 107-108).

¹² Sobre esta questão, exclusivamente, de haver uma “Arte que é vazia de arte” hoje, considerando que estou na preparação de outro material acerca das discussões mais concentradas na nominada Arte Contemporânea pelo Sistema da Arte, estou propondo compreendermos a relação que a produção artística institucionalizada nominalmente reconhecida por Arte – cronológica, histórico-temporal, sistêmica e comercialmente valorizada – está desvinculada de arte e de mundos (por isso faz sentido este comentário aqui) como ressalta a autora Catherine Walsh em relação a Universidade.

¹³ Grafei o “Científica” com inicial maiúscula propositalmente para remeter o adjetivo à lógica da Ciência Moderna.

sociais, das pessoas e das demandas humanas e da humanidade. O “[...] desumanizado e sem mundo, sem pessoas ou mundo” [...]. (WALSH, 2015, p. 107, tradução livre minha¹⁴).

Talvez tenhamos aí, a partir disso que fora colocado, a situação da Universidade e da Arte, serem desimportantes para muitos jovens em situação de formação, mas também para jovens e adultos em situação de necessidades socioculturais e sociopolíticas ou ainda obrigações e desesperos socioeconômicos. Pois, uma e outra, Universidade e Arte, tornaram pouco ou quase nada interessantes para o público social maior porque esses não veem, na Universidade a acessão ao mercado de trabalho – por questões relacionadas a tempo de acesso e/ou realidade de mercado e “ficcionalização” do ensino-aprendizagem nesta para o trabalho; e, na Arte porque, especialmente, ao falarmos de Arte Contemporânea, que, infelizmente para a grande maioria arte não rende lugar no sistema de trabalho na lógica mercadológica-sistêmica, e/ou, sequer o grande público também vê arte ou mesmo Arte nesta produção que se diz representá-los.¹⁵ Por isso, se a lógica de ambas é trans-formar, seja pela formação crítico-social ou crítico-sensível, os públicos parecem querer, antes, trabalho e, do mesmo jeito, algumas lógicas de Universidade e de Arte que estão preferindo atender a esta demanda do público-sistêmico: trabalho, comércio, representatividade (nacional e internacionalização), tecnologização, entre outros.

Mas a mesma coisa talvez não pudéssemos dizer a respeito da Ciência. Como dito antes, esta, de algum modo, é quase uma primeira necessidade à vida humana e do mundo se considerarmos sua produção médico-farmacêutica. Entretanto, parece estar exatamente aí, por um lado o problema, e, por outro o contraditório da Ciência. Primeiro, por um lado contraditório, vou optar em falar deste primeiro porque me parece mais ridículo, determinadas situações ideológicas esvaziaram a Ciência farmacológica para a sociedade que, ignorantemente, acabou por preferir a morte em detrimento de milhares, senão milhões, de vidas pelo planeta. Caso muito claro da situação pandêmica que vivemos no mundo nos anos de 2019 e 2020.¹⁶ Já sobre o lado contraditório da Ciência, me refiro à lógica de que ela é exclusivista e que, de algum modo ainda dominante, acabou por emburrecer outros saberes e conhecimentos a fim, na lógica de vários artistas, professores e pesquisadores, de continuar embrutecida como de quando foi criada: vazia de corpos e mundos – sem emoção em detrimento de uma razão –, logo, sem corpos/vidas e mundos diferentes. Assim, de algum modo, neste ou naquele, a Ciência que justifica muitas vezes a existência da Universidade acaba sendo também esvaziada que, por conseguinte, esvazia Universidades e Artes que a ela querem mais estar vinculadas.

Seria prejudicial para o futuro da sociedade e da vida no planeta se a universidade se voltasse completamente para o apoio aos valores corporativos. É fundamental que a universidade continue sendo o lugar do livre pensamento e da pesquisa, onde a “criatividade” não é valorizada em relação às necessidades corporativas prementes do momento, mas também à crítica dos interesses corporativos e, de fato, ao apoio à pesquisa que contribui para a antecipação de problemas futuros e avança na consolidação da consciência comunitária. (MIGNOLO, 2015, p. 91, tradução livre minha¹⁷).

¹⁴ “Este acto de transcender parece cada vez más importante en instituciones académicas que están en pleno proceso de re- o neo-disciplinamiento, instituciones que están alejándose de las realidades sociales, de la gente y de las exigencias humanas y de la humanidad. Las “[...] deshumanizadas y desmundalizadas, sin gentes ni mundo” [...].” (WALSH, 2015, p. 107).

¹⁵ Esta última afirmativa tem a ver com a lógica de que a Arte Contemporânea está esvaziada de arte – humanidades e mundos – para vincular-se em Sistemas-mundos, e, que esta mesma Arte Contemporânea não tem relação com a Arte histórica estabelecida por Sistemas porque o público em geral não a compreende e quando a acessam é em vias de reconhecimentos teórico-críticos disciplinados/disciplinares – filosófico e/ou literários (CAUQUELIN, 2005) – que justificam-na como Arte sistêmica.

¹⁶ Para uma leitura bastante ampla acerca das situações pandemia, arte, ciência, ensino, pesquisa, políticas de morte em detrimento às políticas de vidas, entre várias outras coisas, sugiro a leitura de uma coleção de três “livrinhos” que publiquei em 2020: Bessa-Oliveira, 2020; 2020a; 2020b.

¹⁷ “Sería perjudicial para el futuro de la sociedad y de la vida en el planeta si la universidad se volcara por completo a apoyar los valores corporativos. Es crucial que la universidad siga siendo el lugar del pensamiento y la investigación libres, donde “la creatividad” no se valore en relación con las necesidades corporativas apremiantes del momento, sino también con la crítica a los intereses corporativos y, de hecho, el apoyo a investigaciones que contribuyan a anticipar problemas futuros y avancen en la consolidación de la conciencia comunal.” (MIGNOLO, 2015, p. 91).

Nesta situação em que nos encontramos, artistas professores, pesquisadores, Universidade e Arte, igualmente a Ciência, precisamos ater-nos a pormenores que podem transformar estas atuais condições a que estamos sendo impostos: inovação, internacionalização e tecnologização como condições de nossas existências.¹⁸ Assim, considerando o direcionamento primeiro desta reflexão, em sendo para jovens em necessidade de trabalho – não vou usar o jargão sistêmico de situação de trabalho porque são/eram “jovens-mirins” – mas também em sendo este texto possivelmente direcionado a futuros e atuais professores, artistas e pesquisadores, preciso argumentar acerca da minha própria condição anterior de vida para evidenciar minha atual situação em que vivo. Por exemplo, evidenciar a Universidade como este espaço que pode trans-formar ao invés de formar os sujeitos, deformando-os de suas vidas e mundos; esclarecer como a arte é e pode ser trans-formadora social, crítica, política e até economicamente, ainda que em sendo, em alguns casos, um discurso divergente porque trata de uma Arte em específico, mas até isso pode ser discutido por vieses teórico-críticos sistêmicos; e, claro, não menos importante, fazer re-valer a ideia da Ciência como também necessária às vidas e mundos humanos em que as saúdes carecem de especialidades mais rápidas. Ainda, é possível dizer, podemos tratar de “casos de sucessos” que foram/são e podem ser contemplados pela Universidade, a Arte e a Ciência. Fiz valer agora um famoso jargão bem comum às áreas em que se privilegia (*produzir, poupar e acumular; consumir, consumir, consumir e ser feliz*) (MIGNOLO, 2015).

Nessa altura do campeonato da minha vida, com já mais de meio século de vida, não vi outra forma de dizer e tentar ressaltar para vocês (agora leitores/as) a importância trans-formadora da Universidade, e como disse também, não somente dela, mas dos estudos como um todo, na minha própria vida. E não vou aqui fazer papel de ser o senhor/“tioção” que faz sermão quanto à falida ideia de que são os jovens que não estão mais interessados nos estudos. Que são os jovens que são vazios de anseios e de conhecimentos, por isso Universidade, Arte e Ciência se tornaram desimportantes para eles/elas. Estas conversas já não nos levaram a lugar algum que propuseram mudanças significativas faz muitos anos. A lógica de perceber crianças e jovens como vazios de conteúdos, por isso também de anseios, tem origem também no pensamento moderno que atribui à experiência acumulada ao longo dos anos/tempos a mais valia do “corpo-velho”.¹⁹ Os estudos foram sendo tornados desinteressantes para os jovens porque os sistemas privilegiam outras ideias e ideais a serem conquistados. Logo, não foram os estudos que perderam a importância. Mas foi a importância dada a outras coisas, pelos Sistemas públicos e privados de administração das vidas, que fez com que os interesses desses jovens e adultos mudassem ao longo dos tempos. O jovem, assim como a situação na qual ele se encontra mudaram. Mas e a Universidade e a Escola têm acompanhado tais mudanças? Sem falar mal da Universidade e da Escola também, prefiro deixar as indagações no ar para não parecer defender um ou outro sem uma real intenção do que apresento ao final desta reflexão.

As mudanças instituídas pelos Sistemas – como dito, governamentais e/ou pelas corporações privadas – de trabalho, sociedade, política, cultura, economia, direito, dever, ética, estética, democracia, entre outras, refletem diretamente nas prerrogativas que regem a sociedade como um todo. Fato que não deveria o ser. Mas o é. Pois, experimentando a condição de consumir, consumir, consumir e ser feliz, *aprender a desaprender para reaprender de outra maneira* (MIGNOLO, 2003) tornam-se praticamente dispensáveis. Neste caso, então, é evidente que se a Universidade não tem se estabelecido como a instituição que veio e vem provocando este aprender a reaprender tudo de outra forma, continuando com sua cartilha teórico-crítico-didático-pedagógico-metodológica – modernos –, acaba sendo desimportada já no presente para a sociedade em geral que foi conduzida ao lugar do trabalhar para ter e

¹⁸ Em outras situações, fiz discussões a respeito da tecnologização imperante na sociedade atual (quase imperial) como uma tecnocolonialidade ou como mais um processo de colonização: tecnocolonização. Agora não vou me ater à isso considerando que a discussão acerca daqueles é complexa e, que, tendo em vista a lógica aqui ser a da trans-formação, não vou esmiuçar a tecnologização como tais.

¹⁹ Este tocante é no mínimo curioso, pois, de modo bem evidente para mim e muitos/as/es pensadores/as descoloniais, claro, o projeto moderno estabeleceu e vendeu a lógica da longevidade passada como artifício de maturidade/conhecimento/saber e experiência e, com isso, instituição das lógicas de tradição, cânone, referências, entre outras nomenclaturas para justificar-se como Universal europeu. Do mesmo modo, a fim desta instituição, o projeto ancora-se em padrões de classe, raça, gênero, fé, língua sob o aval da ciência para manter-se ao longo da história para o Ocidente. Mas sobre isso vou deixar a discussão em suspensão agora considerando que trato do assunto em quase todas as minhas outras produções já publicadas.

somente assim poder almejar ser sobrevivendo. Dirá então, considerando a atual situação, o que será para o futuro da Universidade: inovar-se tecnologicamente para enfim internacionalizar-se e pronto? Será esta a demanda da sociedade do futuro? Continuaremos sobrevivendo em lugar de viver? Viveremos e não conseguiremos nunca mais conviver?

Da mesma forma, mesmo com a História da Arte universal, a Arte Contemporânea, especialmente, foi tornada indiferente, desimportante e, pior ainda, incompreensível aos jovens, adultos e/ou à sociedade como um todo que diz não à compreender/reconhecer como arte; e, ainda, desconsideram-na porque esta não faz quase nenhuma relação com as suas vidas socioculturais, políticas, situações econômicas, com suas reais classes sociais e, também, com suas questões de fé, línguas e linguagens, produções de saberes e os seus vários corpos diferentes dos das históricas artes das histórias sobre as artes do mundo ocidental. As Artes e a Universidade foram, cada uma na sua especificidade enquanto fazer e instituição, descorporeizadas dos corpos e dos mundos das sociedades contemporâneas do século XXI por meio, pior, de políticas e políticos que mais deveriam apoiar suas situações e proporem mudanças nessas para contemplar as mudanças das sociedades. Essas continuaram restritas aos corpos dos séculos anteriores e, muito pior, restringindo corpos das diferenças culturais e coloniais.²⁰

Como vocês futuros/as e atuais professores e professoras vão lidar com isso?

Mas sobre mim, como disse que falaria, sou nascido no berço de uma família de classe baixa, pai serralheiro e mãe dona de casa as suas vidas inteiras. Sou o primeiro filho a fazer graduação em uma universidade pública, pois à época tinha apenas uma irmã já casada e independente que fizera um curso em uma universidade privada pagando, ela mesma com seu suor, as mensalidades. Mas continuo sendo o único da família de 6 irmãos e irmãs com graduação, mestrado, doutorado, pós-doutorado e concurso público em uma universidade pública brasileira. Mas para reforçar essa trans-formação por meio dos estudos, sintetizando a conversa/história biográfica, preciso dizer que iniciei minha vida no trabalho privado aos 12 anos de idade, abandonando os estudos para trabalhar até 2002 no comércio de *designer* de móveis e decoração, e os estudos somente foram retomados aos quase 30 anos e concluídos com o pós-doutorado agora no breve ido ano de 2021 e já concursado na UEMS a 9 anos. Esta foi a transformação primeira – agora grafo sem hífen o termo – porque é foi a mudança prático-profissional-trabalhista “apenas” influída em mim e que a Universidade fez na minha vida. Mas ao retomar minha conversa-reflexiva, vocês perceberão que foi muito mais, pois foi uma trans-formação (para) a (minha) vida que a Universidade fez comigo. E não somente pelo fato de hoje ser professor: o que já deveria ser por demais compreendido pela sociedade como uma enorme trans-formação.

Aliás, cabe-nos aqui agora um adendo: acerca do professor/a/e, diante de todo esse cenário aqui re-tratado, o que dizer? Especialmente considerando que, a pouco, acabo de inquirir aos/às/es futuros/as/es e já professores/as a respeito de tudo que vim colocando em relação à Universidade, a Arte e a Ciência. Mas considerando isso também, é preciso que reflitamos, ainda que brevemente, da real situação de professores/as nas Universidade também nas Escolas, Arte-educadores ou pedagogos, assim como qualquer outro profissional da educação – formal e informal – institucional público ou privado, assim como de quaisquer uma das nossas áreas do conhecimento. Basta que consideremos para minha reflexão agora, aqueles/aqueles que se intitulam educadores que visam a trans-formação – para manter os menos sentidos dialógicos anteriores – e não somente a formação de-formada pelos sistemas oficiais das coisas no mundo. Pois, adiantando um ponto básico: os profissionais da educação que primam pela formação sistêmica – em exclusiva atenção aos Sistemas vigentes de inovação, internacionalização,

²⁰ Falei anteriormente aqui mesmo em pessoas preferem, de algum modo, a ilegalidade “lícita” ou ilícita para alcançarem os desejos de ficarem milionários ou minimamente ricos. No mesmo nível, políticas e políticos que mais deveriam apoiar as Instituições e a Arte, do mesmo jeito a Ciência, parecem promover a desimportância desses para a sociedade. Baseados em lógicas que reforçam a Universidade, a Arte e a Ciência restritas ao Sistema-mundo econômico agora vigente – inovação, internacionalização, tecnologia – acabam por destituir de importância a Universidade, a Arte e a Ciência de trans-formação social. Quer dizer: as políticas e os políticos se efetivam em propagandismos ideológicos e destituem de funções efetivas as políticas que mais deveriam instituir as reais funcionalidades das Universidades, das Artes e das Ciências. Assim, há uma ilegalidade lícita ilícita em franca evidência nas múltiplas instâncias governamentais brasileiras em relação à Educação, as Artes e as Ciências que inviabilizam, certa e efetivamente, a importância social dessas como “instituições” trans-formadoras e, obviamente, mediadoras de mudanças necessárias às vidas que sofrem, primeiramente, mas também às que nem sofrem pela falta de tudo.

tecnologia, economia, trabalho, etc – não estão de todo errados. Mais especialmente se, como tenho afirmado ao longo dos anos aos/as/es meus/minhas/minhes alunos/as/es, esses colocam suas cabeças nos travesseiros à noite e dormem despreocupadamente conscientes de que fizeram bem seus trabalhos.

Mas minha argumentação se dirige, obviamente, em favor dos/as/es que têm insônias constantes porque são impedidos de realizarem trabalhos trans-formadores por imposições sistêmicas; para os/as/es que não dormem porque têm alunos/as/es que passam extremas necessidades sociais, políticas, econômicas, culturais; para os/as/es docentes que se preocupam e adoecem porque ficam sabendo que determinado/a/e aluno/a/e sofre violência doméstica, infantil, juvenil em casa, da própria família, ou nas ruas porque precisa trabalhar de alguma forma para complementar renda familiar; para professores/as que, assim como eu, trabalham o tempo todo em prol de trans-formar ao invés de educar sem aprender sobre e com as vidas desses/as alunos/as/es; enfim, diriam alguns, para todos/as/es os/as/es aqueles/aquelas que, de alguma forma, fizeram a péssima escolha de serem professores mediadores ao contrário de conteudistas, metodologistas, cartilheiros – teórico-crítico-didático-pedagógico-metodológica e artisticamente – modernos. Pois, o sentido trans-formador põe e se impõe até mesmo contra as barreiras mais violentas e castradoras dos Sistemas contrários a esse.

Nos últimos 50 anos, penso eu, se não for mais, o Ser professor acabou por ser destituído da sua função formadora. Mais ainda da sua necessária tarefa trans-formadora. Por opção ou imposições, ambos, formar e trans-formar sofreram sérias agressões – talvez esta seja a melhor palavra, ainda que sem pensar nos últimos cenários políticos – porque ora optou-se em não formar porque os sistemas (estruturais, dirigentes, didáticos, entre outros, não contribuíam), assim muitos professores deixaram por acontecer. Ora as trans-formações eram inimagináveis considerando as várias questões limitantes em relação aos sistemas vigentes de políticas, economias, sociedades. Não muito distante disso, nos últimos tempos, agora sim lembrando as políticas insanas de ódio, rancor e extinção, professores/as/es – em gênero, número e grau – foram literalmente desprezados pelas sociedades em situação de poder: política e sociocultural. Assim, os profissionais da educação trans-formadores tiveram que literalmente se esconder para não serem caçados até à morte.

Por último, sobre o Ser Professor/a/e, aos profissionais da educação, de modo geral, foram atribuídas funções e demandas desumanas e desmundializadas; faço referências aqui novamente aos termos de Catherine Walsh. Aos/as/es professores da Educação Básica, por exemplo, em prol da defesa da lógica do trabalho como único sistema de vida, pais e mães foram empurrados para o mercado de trabalho e os filhos para as escolas integrais sob as guardas de professores que cuidam da educação primárias dessas crianças e jovens: do papel de trans-formador, os profissionais da educação foram conduzidos a cuidadores-formadores para que as famílias possam trabalhar. Já na educação superior, professores/as têm lidado com jovens e adultos doentes por naturezas várias, familiares, sociais e culturais, mas, muito evidente fica que a doença também tem se relacionado às questões de trabalho. Quer dizer, aos profissionais da educação de formação superior, especialmente em instituições privadas, pois esses estão tendo que se desdobrarem em técnicas formativas, a formação para o mercado de trabalho é imposta o tempo todo. Nas Universidades públicas, ao meu exemplo, a questão Universidade e Sistema corporativo ainda é um pouco mais camuflada ou menos evidente.

Na Universidade pública, teoricamente o/a/e professor/a/e ainda pode fazer a opção pela sua lógica de trabalho livremente: formador ou transformador. Mas, sendo este ou aquele, tem ficado muito evidente as perspectivas corporativas adentrarem os portões e portas das Universidades a fim de formar profissionais para o mercado de trabalho e não se restringirem a trans-formar esses sujeitos para a vida. É neste caso que a Universidade acaba sendo esse lugar em que as atualizações desatualizam sua importância sociocultural na atualidade. Aos profissionais que se voltam para a formação para o mercado de trabalho – corporativo inovador, internacional e tecnológico – ainda mais restringidos às áreas não Humano-disciplinares, têm-se dado muito mais apoio financeiro e institucional que aos das Humanidades. Logo, é evidente que a trans-formação aqui em discussão que tem mais cunho humano que desumano, com mundos do que sem mundo, acaba sendo relegada à lugares menos importantes dentro da Universidade enquanto sistema. Mas, não sendo diferente do que se deveria esperar, em muitos casos, dentro das próprias Humanidades, tem-se indivíduos – professores e discentes – que primam pela formação de-formada para o mercado de trabalho: artístico ou docente, quando não alcançam sucesso

como artistas – ou até mesmo dizendo para serem desenvolvedores de “pesquisas” para os Sistemas oficiais: fundações, governos, políticos e até para instituições privadas.

Precisamente, essa nova existência precisa tomar forma em cada uma das cinco esferas básicas da existência social a que Quijano se refere e que apontei acima (trabalho, sexo, subjetividade/intersubjetividade, autoridade coletiva e natureza), de modo que todas elas sejam afetadas em conjunto, como uma totalidade, uma estrutura histórica e intrinsecamente heterogênea e contraditória. Porque também e na mesma medida, as relações de poder em cada esfera básica da existência social se comportam com ritmos diferentes e de maneiras diferentes, dependendo dos comportamentos concretos dos coletivos humanos; daí o caráter necessariamente histórico, heterogêneo e descontínuo dessa estrutura. (PALERMO; QUINTERO, 2014, p. 29, tradução livre minha²¹).

Do mesmo jeito, colegas e alunos/as/es ideológicos/as/es têm dificultado os trabalhos de muitos de nós, professores/as trans-formadores, por opções aos sistemas políticos, econômico ou mesmo castro-cultural de trabalho vigentes na Universidade. Ora os “colegas” se interpõem como guardiões de um suposto sistema histórico estrutural e conteudista como únicas lógicas de trabalho até na Arte e acabam por desmerecer, para não usar termo pior, uma lógica de trabalho que visa à transformação social, cultural, política e até mesmo de lógica econômica nos alunos/alunas/alunes. Mas, comparativamente, pior é quando esta perspectiva ideológica tem corpo nos corpos/as/es dos/as/es alunos/alunas/alunes²². Esta perspectiva se coloca contra conteúdos que buscam não promover a facção sustentada na Universidade de universalismo e do *capitalismo acadêmico* edificados como formas de alcançar fama e poder por meio de riquezas. O empreendedorismo educacional presente nos corpos desses sujeitos alunos/as/es reforça uma lógica que ter que ter para ser por meio de riquezas que acaba por impossibilitar a ampliação nas suas ações e sentires de poder também ser um trans-formador/a/e. Arrebanhados em ideologias que deslegitimam a Universidade, até mesmo a Arte e a Ciência de lugares sociais, esses indivíduos foram prioridades em conteúdos que resolvam os problemas de suas incapacidades criativas, cognitivas e sensíveis camufladas de prioridades para o trabalho.²³

Mas para os/as/es professores ainda se coloca a lógica impositiva do próprio Sistema acadêmico. O que reforça o tal empreendedorismo educacional. Se não concentrado nas mãos da dirigência da própria instituição em si, é evidenciado por demandas que descem “de cima para baixo” como decretos e ordens resolutivas vindas das instancias administrativas mais altas: as que literalmente pagam os salários pelos trabalhos. Assim, num reajando da lógica de Walter Mignolo sobre o *consumir, consumir, consumir e ser feliz* ao referir-se ao trabalho como único mecanismo de vida, é, para a situação de um produtivismo exagerado que nos é cobrado a fim de inovar e internacionalizar a Universidade, uma produção tecnológica para além de sentidos eletrônicos, que se converte em produção, produção, produção como o caminho único e que parece sem volta para a vida, da ética e das subjetividades controladas pelos sistema imposto como empreendedorismo educacional que deve formar para o trabalho: lattes, CNPq, CAPES, Pró-reitorias, Reitorias, Fundações, Agências etc.

²¹ “Precisamente, esa nueva existencia requiere gestarse en cada uno de los cinco ámbitos básicos de la existencia social a los que refiere Quijano y que señalé más arriba (trabajo, sexo, subjetividad/intersubjetividad, autoridad colectiva y naturaleza), de modo tal que todos ellos se vean afectados conjuntamente, como una totalidad, una estructura histórica e intrínsecamente heterogénea y contradictoria. Porque también y en esa misma medida, las relaciones de poder en cada ámbito básico de existencia social se comportan con ritmos y maneras diferentes, dependiendo de las conductas concretas de los colectivos humanos; de allí el carácter necesariamente histórico, heterogéneo y discontinuo de esa estructura.” (PALERMO; QUINTERO, 2014, p. 29).

²² De um dado momento para cá na escrita deste texto, acabo por usar as opções de gêneros diferentes para me referir aos/as/es personagens desta discussão. Foi proposital considerando na necessidade de evidenciar que até em corpos que não deveriam haver quaisquer lógicas binárias, um trabalho docente trans-formador é questionado, colocada sob dúvida e até mesmo têm tentativas de impedi-lo dentro de Sistemas construídos sobre alicerces modernos.

²³ A discussão sobre o que tenho chamado de empreendedorismo educacional está mais bem tratada em outro trabalho a ser publicado neste ano intitulado de “**TRANSEXUALIDADE. TRAVESTILIDADE. DESCOLONIALIDADE. GÊNERO E A DESCOLONIZAÇÃO DO PENSAR SOBRE SEXUALIDADES.**”. Como grafado nos títulos, trata-se de uma discussão sobre as impossibilidades de corpos/corpas/corpes diferentes na educação.

A escola e a educação são, na mentalidade neoliberal, cada vez mais “ineficientes”, porque os esforços devem se concentrar no aumento do PIB e não no aprendizado e no treinamento de pessoas que contribuirão para uma vida comunitária plena. A pedagogia descolonial não pode estar a serviço da eficiência, nem a serviço da tarefa limitada de formar cidadãos para o Estado-nação (educação liberal), nem apenas na formação de pessoas de fé (educação teológica), mas na busca, por meio do amor descolonial, daquela humanidade plena a que Frantz Fanon aspirava quando terminou de escrever *Os condenados da terra*, em seu leito de morte e inundado pela violência da colonialidade, na Argélia e no Terceiro Mundo. (MIGNOLO, 2014, p. 9, tradução livre minha²⁴).

Mais uma outra coisa é preciso ser dita antes de relatar as importâncias da Universidade e da Escola (para) as nossas vidas – para vocês jovens, adultos, professores e futuros professores ou mesmo artistas e pesquisadores que me leem – a partir das minhas perspectivas de como se deve viver a vida. Precisamos atualizar as Universidades e as Escolas. E, neste momento, não estou falando de atualizações restritas às tecnologias eletrônicas, as chamadas de ponta, também prontas a nos enlouquecer ao invés de oferecer melhoras. Não estou falando também, apesar de extremamente necessárias, de atualizações de estruturas para as chamadas arquiteturas modernas. Aquelas que parecem mais expulsar do que acolher muitas vezes são frias e vazias. Menos ainda estou falando da Universidade ou das Escolas como espaços somente de recreação: dancinhas, teatrinhos, pinturas em papel A4 estampando paredes e/ou cantos de músicas religiosas nos dias dos Santos. Sem dispensar as necessidades dessas re-formas de atualização das Universidades e Escolas, as atualizações que ressalto como necessárias e urgentes são mais profundas: precisamos de Universidades e Escolas que tenham professores e alunos, alunas e alunes – jovens ou adultos de gêneros, classes, raças, fés, línguas e conhecimentos diversos – interessados e dispostos em estarem ali/nelas.²⁵ As Universidades também precisam ser inovadoras, mas para isso devem ser inovadas; as Universidades precisam ser internacionalizadas, mas, do jeito oposto, precisam estar internalizadas às pessoas que delas precisam re-conhecerem corporificados nelas; não diferentemente, as Universidades devem ser tecnologicamente de ponta e precisam desenvolver tecnologias, mas, evidentemente, é impossível pensar em tecnologias sem que se dê acessos a essas tecnologias às pessoas que ocupam as Universidades e Escolas.

Porque a trans-formação (para) a vida que estou pregando agora não poderá ser realizada nem na Universidade e menos ainda nas Escolas como essas passaram a ser compreendidas pelas sociedades atuais. E, do mesmo jeito, essas duas instituições em que devem reinar **a prática de trans-formação pela produção e de diálogos dos conhecimentos diferentes** (grifo esses últimos) não podem continuar sendo tratadas pelos poderes públicos e privados (nas suas diferentes instâncias) como ainda mais agora o são. Esses reinando como únicos e exclusivos patrocinadores dos sistemas de Arte, Cultura e Educação considerando que os mesmos sistemas que deveriam patrocinar a totalidade desses deturpa e desviam recursos em prejuízos a esses. Pois, na menor das piores situações, re-forçam desenvolvimentismos inovadores, internacionalizações e tecnológicos a fim de se mostrarem para o mundo como “donos da bola”. Do mesmo jeito, Universidade e Escola não podem retomar seus passados colonizadores – e agora nem estou pensando apenas em uma perspectiva descolonial – para desenvolver aqueles papéis castradores que outrora tivemos na educação universitária e escolar brasileiras: em que os alunos sempre foram tratados à base de castigos e como “recipientes vazios” como se não tivessem nenhum conhecimento próprio e menos ainda controle sobre suas ações e reações às imposições

²⁴ “La escuela y la educación son, en la mentalidad neoliberal, cada vez más “ineficientes” pues los esfuerzos deben ponderarse en el acrecentamiento del PBI y no del aprendizaje y formación de personas que contribuirán a la vida comunal y plena. La pedagogía descolonial no puede estar el servicio de la eficiencia, ni tampoco a la limitada tarea de formar ciudadanos para el estado-nación (educación liberal), ni tampoco solo en la formación de personas de fe (educación teológica), sino en la búsqueda, a través del amor descolonial, de aquella plena humanidad que ambicionaba Frantz Fanon al terminar de escribir *Los condenados de la tierra*, en el lecho de muerte e inundado por la violencia de la colonialidad, en Argelia y en el Tercer Mundo.”. (MIGNOLO, 2014, p. 9).

²⁵ Se as Universidades e Escolas, do mesmo jeito as artes, chegarem um dia ser de fato universais, essas serão, certamente, pluriversais – Múltiplas ao invés de defender Única Versão (Universal) das coisas todas do mundo porque entenderá, na esteira já em discussão, corpos e mundos, humanidades e mudos vários possível com suas produções de artes, culturas e conhecimentos em diálogos nos espaços de produções de conhecimentos.

daquelas práticas educacionais. A Universidade e a Escola não podem ter caracteres punitivos em espécie alguma.

Também a arte não pode restringir-se a ideologias político-partidárias e nem também pode se vincular a Sistemas ideológicos de produção. Também não pode a arte estar restrita a um corpo, um lugar, uma história, uma narrativa, a uma lógica de identidade estabelecidas, do mesmo modo a arte não pode ter vínculo restrito com opiniões que re-fortam as diferenças como características para valorizar o que é da ordem de assemelhar-se a padrões podendo excluir o que é diferente. Pois, nestas circunstâncias, a arte acaba por castrar produções que não se limitam a essas categorias e situações porque não se querem vinculadas a exclusividade dessas. Mas também esta arte acaba por punir corpos que produzem uma arte que transita, no melhor sentido do termo, entre prós e contras a todas essas questões porque se quer com direito de liberdade de ser, sentir todos esses problemas, bem como não abre mão de saber acerca deles para literalmente ser uma arte que emerge a partir de um fazer-sendo todas essas questões. A arte não tem que ter limitado lados, a arte, pelo contrário, até que não seja sua intenção, tem que permitir compreender, para bem ou para o mal, as coisas dos mundos dos “dois lados” – sem ser binária – e de diferentes perspectivas humanas e de mundos. Sem espectador a arte fica sem corpos e sem mundos, fica vazia e morta, vive uma espécie de Arte morta de arte como já ressaltai antes aqui porque, de algum modo – endividada – prefere vincular-se a uma lógica científica moderna.

De um lado, de fato o público é ‘educado’ – já há muitas décadas vêm-lhe sendo inculcados **valores culturais relacionados a uma modernidade ou a um modernismo necessário (sic) como sinal de elevada posição cultural**. Como uma **obrigação cívica**, uma **regra de comportamento adequado**, até mesmo um **princípio de desenvolvimento**. Os países desenvolvidos sentem-se obrigados, paralelamente ao progresso técnico-científico que os caracteriza, a aderir a alguma idéia de desenvolvimento da cultura. (CAUQUELIN, 2005, p. 10, todos os grifos são meus).

Mas não posso deixar de ressaltar que falar de inovação, internacionalização e tecnologia em âmbitos de Universidades e Artes europeias e estadunidenses, tem uma grande diferença ao pensarmos nessas categorias para as artes e universidades brasileiras, por exemplo. Ainda que sem menosprezar-nos, evidentemente, é, antes de tudo, necessário reconhecer que na ótica daqueles, sequer somos desenvolvidos, quiçá até subdesenvolvidos e se não primitivos. Desenvolver-se culturalmente atrelando-se à inovação, internacionalização, por meio de tecnologias, além de demandar implementação de situação estrutural minimamente plausível para, é necessário compreender que essas são agora as exigências colonizantes da vez. Quer dizer: se formos inovadores, internacionalistas e tecnológicos sem consumir e se não consumirmos a inovação, internalizando a tecnologia deles – para as quais fornecemos, quase sempre, como países subdesenvolvidos (se não primitivos) todas as matérias-primas e até (não duvido muito) mãos-de-obra necessárias – comprando deles aquelas, não seremos nunca inovadores, internacionalizáveis e tecnológicos. É bom que se saiba leitor/a/e tratar de um círculo vicioso e a fim de nos tonar, como sempre, mais uma vez, colonizáveis/colonizados.

O que é crucial é que a pesquisa contribua para “regular o excesso tóxico corporativo na produção em massa e o excesso legal corporativo na ocultação e perseguição de pesquisadores criativos que revelam suas violações da lei e dos direitos humanos”. [...]. Um mundo justo e uma economia democrática precisam da colaboração de todos os setores envolvidos, e não apenas de um – a elite econômica – na maioria das vezes apoiada por Estados subservientes aos valores corporativos [...]. (MIGNOLO, 2015, p. 91, tradução livre minha²⁶).

Ao contrário do que muitos pensam, a Universidade, mas igualmente a Educação como um todo não podem fechar os olhos para as relações entre as diferenças de gêneros, de classes, de raças e,

²⁶ “Lo que resulta crucial es que la investigación contribuya a “regular el exceso tóxico de las empresas en la producción masiva y el exceso jurídico corporativo en esconder y perseguir a los investigadores creadores que revelan sus violaciones de la ley y los derechos humanos”. [...]. Un mundo justo y una economía democrática necesitan de la colaboración de todos los sectores involucrados, y no solo de uno -la élite económica- las más veces con el apoyo de Estados entregados a los valores corporativos [...]” (MIGNOLO, 2015, p. 91).

menos ainda, em relação às diferenças religiosas, de línguas, produções de conhecimentos e conhecimentos diferentes: as diferenças socioculturais dos indivíduos escolares/universitários. Porque antes de tudo, como também não parecem compreender muitos, o respeito a essas diferenças devem vir de casa. As famílias são obrigadas a inculcar em seus entes o respeito ao outro como Outros. A Universidade é local em que essas diferenças devem conviver. Não podemos ter os olhos vendados para as relações entre sociedade e trabalho, entre sociedade e humanidade, do mesmo modo não podemos nos esquivar das relações de poder e política que se estabelecem com as diferenças que frequentam as Universidades e as escolas. Mas tudo isso, desses últimos itens ressaltados, **as percepções dentro das Universidades devem se dar “às segas”**, vamos dizer assim, dentro do espaço da Universidade/Educação. E quando digo às segas quer dizer sem pretensões pessoais ideológicas quaisquer (de direitas e/ou de esquerdas; de centros e/ou de beiradas) direcionando quais gênero, raça, classe, fé, língua ou conhecimento específicos (privilegiados) devem ser os padrões dentro dos espaços da Universidade, da Escola, da Arte na Educação como um todo. A Universidade deve ser o espaço de convivência humana das diferenças em todos os sentidos.²⁷

A Universidade é local em que essas diferenças devem conviver. Deve levar, todos/as/es – aqui agora não estou restrito exclusivamente nas diferenças entre gêneros e sexos (uma discussão feita já em outro lugar) –, a terem uma vida *comunal*: uma vida em comunidade. Uma vida em comunidade, mas que seja comum. Comum não nos aspectos impositivos, colonizadores, colonizantes – econômico, político, artístico-estético, e sem ética e sem democracia iguais para todos/as/es, igualmente os deveres, entre outras coisas. Mas uma vida comum que estabeleça a existência das diferenças em seu maior grau de possibilidades como princípios de comunidade para a convivialidade. Insistindo, não é possível que nos esquivemos das instituições de poderes e políticas (coerentes, muitas vezes até, mas as ideológicas que são daninhas também estão lá) que se estabelecem dentro das instituições de ensino contra as diferenças que frequentam as Universidades e as escolas. Muitas vezes, com “boas intenções” – mas o inferno está cheio delas – políticos e políticas Unívocos são, diuturnamente, tentados a ocuparem os espaços das escolas e universidades como espaços que devem ser de-limitados das sociedades. Estou retomando a primeira epígrafe colocada lá na introdução deste texto. Ora são políticos “Sem partido”, ora são políticos “Sem religião”, e não faltam os políticos “Sem cotas” e “Sem ações afirmativas” em favor dos que nem precisam porque estão, muito bem obrigado (seus familiares), ocupando os melhores lugares nas mesmas Universidade e Escola Públicas que esses políticos dizem defender com suas Políticas do Sem que na verdade são todas políticas do COM como restritivas às diferenças.

E isso sim tudo tem muito a ver com a importância da Universidade no papel social e crítico de trans-formar (para) a vida das pessoas que, aí sim, e como já dito, não serve apenas para a transformação dos jovens presentes na primeira situação de fala deste texto. Mas os meus anseios da Universidade, Escola, arte e Educação como trans-formadoras são para todos nós quando reconhecemos/reconhecemos o papel de importância dessas universidades, escolas, arte e educação de que falo. E trans-formação crítico-social e política não tem nada a ver com baderna ou desorganização sistemática. Questões muito evidenciadas a bem pouco tempo por políticos que priorizavam a lógica de Universidades do “Sem” com fins evidentemente ideológicos de “Com(s) – primeiro “Deus, Pátria e Família”, para, a fim de trair a subjetividade de muitos/as/es, em segundo plano “Deus, Pátria, Família e Liberdade”. Mas seja por meio de quaisquer pensamentos, o lugar da Universidade e da Educação escolar é e deve ser o da sistematização do pensar para conviver. Porém, nunca uma sistematização que privilegia padrões, mas que proporcione a convivência de nós tão diferentes nos mesmos espaços sociais.

²⁷ Apenas a título de lembrança, aos/as/es que se esqueceram. A Universidade e a Escola, a arte e a Educação, como um todo, foram instituídas com o princípio de formar as sociedades crítico-ética-político e socialmente para viverem em sociedades. Evidentemente que minha proposição de trans-formação já está além desse princípio básico da Universidade, da Escola, da arte e até da Educação como seus princípios instituídos em bases de um pensamento sobre a sociedade moderno. Mas, considerando a ideia de lembrança, é preciso situar que a sociedade transformou e se trans-formou sozinha – convivendo, bem ou mal – e, por isso, exclusivamente, por isso, é evidente que a Universidade, Escola, a Arte e a Educação minimamente acompanhem a essas transformações e/ou trans-formação a fim de fazerem sentidos na atualidade assim como para outros futuros por virem com suas mudanças também por ocorrerem. Ninguém imaginava que determinadas questões hoje impostas – literalmente – à Universidade, Escola, à arte e a Educação – acerca de gêneros, classes, raças, fés, línguas e produção de conhecimentos – seriam ex-postas contra as próprias Universidade, Escola, Arte e Educação Modernas.

O mesmo é preciso que se diga em relação à arte e a ciência – ou, como prefiro, a produção de conhecimentos – nas/das culturas diferentes. Se a Universidade tem o preceito de ser universal – universo – de produção de conhecimentos, no plural, a arte e a produção de conhecimentos precisam ter, nas diferenças, lugares cativos nesta Universidade e Escola, igualmente num plano de Educação socio-crítico-política. Assim, para tanto, é preciso que igualmente as artes as ciências sejam compreendidas nas suas pluriversalidades socioculturais distintas. Pois, em um país cuja base de constituição sociocultural é mista – indígena, africana e europeia – não podemos continuar almejando e defendendo uma Universidade, Escola e Educação, do mesmo jeito Arte e Ciência com princípios de educar, formar (de-formando) como únicos. Sem artes, sem ciências, nos plurais, a Arte e a Ciência, igualmente a Universidade, Escola e a Educação acabam esvaziadas de humanidades e de mundos: desumanizadas e desmundializadas. Pois, com únicos humano e mundo já sabemos que essas (Universidade, Escola, Educação, Arte e Ciência) tornaram-se desimportantes para todos: crianças, jovens, adultos e até para as instituições que presam pelo poder econômico sobre todas as coisas do mundo – públicos e/ou privados.

Pois, a Universidade tem a pretensão de ser e deve ser o lugar da convivialidade entre todas as diferenças sem que essas diferenças ressaltem, por exemplo, a diferença de salário por causa de gênero entre pessoas do sexo feminino e masculino ou de outra identificação sexual qualquer; diferença de cargos em importância porque este ou aquele tem cor de pele ou o tipo de cabelo diferentes; diferença de oportunidade melhor porque esse ou aquele não frequenta os mesmos espaços religiosos que a sua ideologia; diferenças de línguas como imposição para aceitação em cargos que não deveriam se voltar unicamente para a riqueza, mas mais para a humanidade das pessoas, entre uma série de outras comparações reducionistas que hoje são atribuídas à Universidade/Educação colocando-a como desnecessária porque ressalta-se a importância da competitividade/riqueza em declínio da convivialidade/humanidade entre pessoas diferentes. Do mesmo modo a arte tem que ser espaço do fazer-sendo independente do que e como seja e quem quer que seja faça. Assim, a diferença imperará como princípio trans-formador até mesmo para quem busca apenas o trabalho e o enriquecimento, agora apenas lícito, para ser.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES – para Ser e Não para Ter

“[...] de uma nova realidade inaugurada pelos oprimidos que se libertam [pelo acesso ao trabalho, ao universal, à Arte e à Ciência e à Educação Modernos], é que os opressores de ontem não se reconheçam em libertação. Pelo contrário, vão sentir-se como se realmente estivessem sendo oprimidos. **É que, para eles, “formados” na experiência de opressores, tudo o que não seja o seu direito antigo de oprimir significa opressão a eles.**” (FREIRE, 2011, p. 61, grifos meus).

A Universidade não é e nunca pode ser lugar de atuação de políticas partidárias – públicas ou privadas – em prol ou contra jovens que ali adentram. Ainda que parecendo ser contraditório, a Universidade e a arte não podem ter priorizados políticas e políticos que partidariam suas atuações trans-formadoras em prol de formações de-formadoras. O jovem/adulto, qualquer um que adentra a Universidade, precisa reconhecer-se nela e/ou na Escola como um par daquelas e aquelas como lugares de crescimento humano desses. Não o crescimento comumente atribuído à responsabilidade das famílias. A Universidade tem a importância de demonstrar, vai mais um exemplo, que o indivíduo ali trans-formado, ao invés de ser o melhor funcionário do mês, pode ser o melhor empresário, comerciante, banqueiro, o dono do seu próprio negócio – empreendimentos/empreendedores construídos com bases sólidas nas relações entre humanidade e convivialidade – para ofertar trabalho, diversão, acessos, ofertar vidas mais humanas às pessoas que deles e com eles estejam vinculados.

A Universidade e a arte, igualmente as escolas, a educação e os conhecimentos precisam ser inovadores, internacionais, mas antes e nacional/localizados, e do mesmo jeito precisam ser tecnológicos. Mas essas lógicas, disto ou daquilo, não podem ser im-postas a partir de uma única visão de humano e de mundo. Esta lógica precisa ser pensada em discussões que incluam mundos e humanos com vidas e

corpos vivendo em mundos diferentes. A Universidade e a arte, exclusivamente, para serem transformadoras como pretendo, precisam se situar nos lugares subjetivos que as pessoas esperam delas: transformação de vida como possibilidade de alcançar outros lugares na vida, não somente do e pelo trabalho; possibilidade de manifestar-se como se é, senti e sabe do mundo para entender que estar condizente com seu fazer-sendo quem se é. A tarefa é hercúlea, mas imprescindível. Afinal, se simplesmente inovarmos, internacionalizarmos, por meio de tecnologias descorporificadas as Universidades, Artes, Escolas e a Educação, certamente essas, num futuro muito breve, estarão completamente vazias de humanos e de mundo, inexistirão.

E são mais os jovens e futuros professores, artistas e pesquisadores, mas leitores/as interessados nesta discussão, que podem levar para dentro da Universidade a exigência de ela se tornar diferente e assim contemplar os desejos de vocês por uma vida mais humana. São corpos/as/es “jovens” que podem fazer a Universidade e a arte respirarem. Porque são vocês que podem transformar a sociedade que hoje vivemos para uma sociedade capaz de ser mais humana com as pessoas que virão. A Universidade, é bom que se diga, depende de um ciclo sociopolítico e cultural, igualmente econômico viciados que se estruturaram e ainda se estruturam bem antes dela. A Universidade que queremos, que vocês jovens devem querer não pode estar envolta e envolvida neste ciclo de vícios estruturantes baseado em punição de corpos. Só vocês promovendo esta mudança é que poderão fazer uma **transformação que reflita na sociedade de forma concreta**. Ser futuros artistas, professores, pesquisadores que mudem os futuros da universidade, da arte, da ciência, da educação, das culturas como um todo, está nas (vidas) mãos de vocês. Porque a Universidade transforma a forma de a gente ver e viver a vida para a gente mesmo e para o outro. Esse é o papel e deve ser o perfil compreendido pela sociedade e pela própria Universidade. Logo, a Universidade é tanto espaço de transformação político-crítico-social, quanto lugar de formação para a atenção aos trabalhos que uma sociedade igualitária demanda.

Por último, jovens, senhores e senhoras, professores, artistas e pesquisadores – em atuação e aos futuros desses – é preciso mudar a mentalidade da sociedade em relação à importância da Universidade, da arte, da ciência, da educação, mas também do trabalho, da riqueza e da humanidade para não continuarmos construindo espaços da Educação e do trabalho, ou sujeitos da sociedade que, ricos ou pobres, sejam tolos e só promovam a rivalidade. Porque “não existe pedagogia às cegas”. Assim como não deve existir Universidades, Escolas, Políticas e o próprio Trabalho, público ou privado, e políticos às segas e sem olhos. Toda nossa condição sociocultural humana também é uma atuação política. Mas essa atuação política não deve ser partidária-ideológica simplista quando envolver o que se habitou, em nossa sociedade, a chamar de “outro” sem o sentido de Ser Outro. Mas são eles os nossos pares, nossos iguais e semelhantes. Do mesmo jeito, os pais precisam voltar a dar educação aos seus filhos, mas para isso os pais precisam ter mais tempo com e para educar seus filhos, porque a Universidade e as Escolas são locais de instruir esses indivíduos/filhos que ali adentram. Uma vez que estão aí, esses jovens todos, estão para nos demonstrar que esse Outro que é gente tem anseios, desejos, escolhas, opiniões, saberes, pensares, fazeres, entre muitas outras coisas, que precisam encontrar espaços de acolhimentos humanos, não robóticos, tecnológicos, fora de seus mundos e desumanizados/desmundializados e não somente nas UNIVERSIDADES, mas na vida em sociedade mais HUMANA. “A tarefa é enorme, e não é para ser levado para os museus ou as universidades estaduais sem projetos descoloniais que sustentam revoluções “materiais”” (MIGNOLO, 2010, p. 13, tradução livre minha²⁸). Precisamos impedir que “[...] sob a liderança dos Estados Unidos, [que] as universidades [que] se transformaram – e ainda estão se transformando – em universidades corporativas” (MIGNOLO, *apud* LORCA, 2014, p. 2) continue.

No dia em que as universidades públicas ou privadas gerirem a descolonização pedagógica, será porque os processos de descolonização que percebemos na sociedade política já contribuíram para uma mudança radical e para a dissolução da matriz colonial de poder (MIGNOLO, *apud* LORCA, 2014, p. 2).

²⁸ “La tarea es gigantesca, y no consiste en tomarse al Estado o a los museos o a las universidades sin proyectos decoloniales que sostengan revoluciones “materiales”” (MIGNOLO, 2010, p. 13).

Quando eu disse antes que as famílias são obrigadas a incutir em seus entes o respeito ao outro como Outros, estava querendo dizer que a família é a instituição mais potente para a promoção da descolonização da educação. Pois, se a Universidade é reflexo da sociedade, do mesmo modo a arte, a cultura e os conhecimentos produzidos nas culturas são resultados da sociabilidade entre as diferenças nas culturas, é evidente que o processo educativo – pedagógico e/ou artístico-educador (mediadores como prefiro) – serão descoloniais. Nesse sentido, será evidente também a mudança nos diversos contextos sociais: político, social, cultural, econômico, trabalhista, ético, democrático, estético. Enfim, a Universidade, a arte, a ciência e a educação são instâncias das sociedades. Não nos cabe esperar transformações efetivas para trans-formar que emergem das instâncias governamentais e privadas consolidadas nas sociedades hoje. Uma formação bem-sucedida em uma sociedade não é garantias de que esta promoverá trans-formação, sem subordinação àquela, em sociedades diferentes. É preciso que nós encampemos um empreendedorismo, não educacional com fins econômicos (inovador, internacionalista, tecnológico como o são propostos agora), mas trans-formador no sentido de empreender por meio dos acessos aos conhecimentos das diferenças à solução de um grave problema histórico e/ou situações que nos são colocadas todos os dias das nossas vidas. Afinal, todos/as/es nós somos Outros porque somos diferentes.

REFERÊNCIAS (CAIXA ALTA, NEGRITO, GARAMOND 12, ALINHADO À ESQUERDA)

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. ARTE E TRABALHO. ARTE COMO TRABALHO. TRABALHO DA ARTE.. *Revista da FUNDARTE*. Fundação Municipal de Artes de Montenegro FUNDARTE, v. 55 n. 55 (2023), Montenegro, RS: Ed. da Fundarte, setembro, 2023. (Texto no prelo).

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. *Arte Biogeográfica, Processos Criativos & a Covid-19*. Campo Grande, MS: Life Editora, 2020.

_____. *Educação, Tecnocolonialidade, Docência Remota & a Covid-19*. Campo Grande, MS: Life Editora, 2020a.

_____. *Artevírus, Arte de Dentro de Casa & a Covid-19*. Campo Grande, MS: Life Editora, 2020b.

CAUQUELIN, Anne. *Arte contemporânea: uma introdução*. Tradução Rejane Jonawitzer. São Paulo: Martins, 2005. (Coleção Todas as artes).

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 50. Ed.. Revisada e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. “Fronteiras da transdisciplinaridade Moderna”. In: HISSA, Cássio Eduardo Viana. (Org.). *Saberes ambientais: desafios para o conhecimento disciplinar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 15-31.

ILLICH, Ivan. *Sociedade sem escola*. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, RJ, Vozes, 1985. (Educação e tempo presente, 10).

LORCA, Javier. O controle dos corpos e dos saberes. Entrevista com Walter Mignolo. Tradução: André Langer. *Página/12*, 08 de setembro de 2014, p. 1-3. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/533148ocontroladoscorposedossaberesentrevistacomwaltermignolo?tmpl=component&print=1&page=>. Acesso em: 18 Set 2022.

MIGNOLO, Walter, D.. Desafios decoloniais hoje. Tradução de Marcos de Jesus Oliveira. *Revista Epistemologias do Sul*. Foz do Iguaçu, PR. V.1, n.1, 2017, p. 12- 32, 2017. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/download/772/645>. Acesso em: 18 Set 2022.

MIGNOLO, Walter. “El fin de la universidad tal como la conocemos: foros mundiales hacia futuros comunales y horizontes descoloniales de vida.”. In: PALERMO, Zulma; (Comp.). *Des/decolonizar la universidad*. 1ª. Ed.. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2015, p. 85-102.

MIGNOLO, Walter. “Prefacio”. In: PALERMO, Zulma. *Para una pedagogía decolonial*. 1a ed.. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014, p. 7-12. (El desprendimiento / Walter Mignolo).

MIGNOLO, Walter D.. Aisthesis decolonial – Artículo de reflexión. *CALLE14* // volumen 4, número 4 // enero - junio de 2010. Disponible em: http://200.69.103.48/comunidad/grupos/calle14/Volumen4/Vol4/Articulos/calle14_vol4_Walter%20Mignolo.pdf. Acesso em: 18 Set 2022.

PALERMO, Zulma; QUINTERO, Pablo. “I. sobre la matriz colonial de poder”. In: PALERMO, Zulma. *Para una pedagogía decolonial*. 1a ed.. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014, p. 22-58. (El desprendimiento / Walter Mignolo).

WALSH, Catherine. “(Des)humanidade(es)”. In: PALERMO, Zulma; (Comp.). *Des/decolonizar la universidad*. 1ª. Ed.. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2015, p. 103-120.

Autor – Coordenador do projeto, participação ativa na análise dos dados e revisão da escrita final.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

O autor declara que não há conflito de interesse com o presente artigo.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.